



ADA
ARLOS 301 / 803
STA - SÃO PAULO - SP - BRASIL
001

TRÊQUA
NOTAS SOBRE
A ESCRITA
UM ZINE



NOTAS SOBRE A ESCRITA DE

Trégua

Olivia Maia

EDIÇÃO DIGITAL

Quem é que tinha a perfeita consciência de si mesmo, da solidão absoluta que significa ter de entrar num cinema ou num bordel, ou em casa de amigos ou numa profissão absorvente ou no matrimônio para estar pelo menos só-entre-os-demais.

Julio Cortázar
Jogo da amarelinha

ATENÇÃO:

se você não quer spoilers, recomendo voltar ao zine depois de terminar a leitura do livro.

No entanto porém todavia:

não vou estragar nenhuma surpresa, talvez porque as surpresas do livro são as pequenas, de cada passo dado, de cada decisão tomada, como na vida a gente não percebe o quanto mudam as possibilidades de futuro quando tomamos a esquerda em vez da direita ou vice-versa, quando subimos num ônibus, quando ficamos em casa.



I.

ASSIM COMEÇA

Não sou muito boa com começos.

Antes de um começo eu tinha uma ideia vaga de não-pertencimento: ser estrangeiro no próprio país, falante nativo de uma língua que não é a sua.

Um personagem que surgiu pronto, inteiro, feito essas ideias da madrugada que aparecem às quatro da manhã depois de um sonho perturbado.

Téo Miranda. Juan Teodoro.

Veio inteiro com passado e família e histórias e incoerências. Brasileiro e paulista: a mãe argentina, o pai do interior de São Paulo. Brasileiro que fez o colégio em Buenos Aires, num intercâmbio inventado pela mãe.

Um pouco gringo de um lado e de outro.

2.

E pertencer, então: o futebol.

O futebol como forma única e óbvia de pertencimento possível.

Correr pelos trilhos do trem depois de arrumar briga com a torcida do time adversário. O futebol como consequência da mudança de país: a necessidade de fazer parte. Um melhor amigo fanático pelo —

River Plate?

Que outro time a ferrovia assim tão próxima? Meu conhecimento da geografia portenha se limitava àquele centro expandido, turístico, um L com uma ponta em Constitución e outra na Plaza Itália.



Foi meu primo Gabriel — com o mesmo nome daquele que seria o melhor amigo de Téo nos tempos de colégio — quem falou do Racing Club. Meu primo palmeirense parceiro de estádio e arquibancada e sofrimento, empolgado com a história da torcida do Racing, do amor incondicional a um time que muitas vezes foi esquecido pelos holofotes.

Sim, tem ferrovia perto do estádio.

Enfim, o Racing.

Ah, o Racing.





3.

Convenhamos, a ferrovia nem era tão importante assim. Mais a imagem: correr pelos trilhos do trem. Enquanto eu pesquisava sobre o Racing eram os personagens existindo na minha cabeça. Demasiado reais. Téo e Elisa, amigos, sócios. A agência de investigação particular, dessas que investigam adultério e adolescente que os pais suspeitam estar metido com droga.

Também Alexandre, o fotógrafo aprendiz de detetive: uma filha perdida, levada pela mãe. Um pouco o avesso de Elisa e o filho de 25 anos renegado pelo pai, que havia sido professor de Elisa nos tempos de faculdade. Quanto se pode construir ou destruir uma identidade a partir daquilo que criamos?



4.

Começa que eu havia terminado de ler *62 modelo para armar* de Julio Cortázar, e me parecia mágica a forma como ele fazia aquele monte de personagem se enroscar e se desenroscar, cada um em seu mundinho, interagindo — afirmaria o autor — como se não houvesse a psicologia para explicar cada decisão.

Se escrevesse este livro, os comportamentos standard (inclusive os mais insólitos, os da categoria de luxo) seriam inexplicáveis com o instrumental psicológico que temos em uso. Os atores pareceriam loucos ou totalmente idiotas. Não que se mostrassem incapazes dos challenge and response correntes: amor, ciúme, piedade, e assim sucessivamente, mas porque, neles, algo que o Homo sapiens guarda no subliminar abriria penosamente um caminho para si, como se um terceiro olho pestanejasse penosamente debaixo do osso frontal. Tudo seria como uma inquietação, uma falta de sossego, um desarranjo contínuo, um território onde a causalidade psicológica cederia, desconcertada, e esses fantoches se destruiriam ou se amariam ou se reconheceriam sem suspeitar demasiado de que a vida procura trocar a chave neles e através deles e por eles, de que uma tentativa ainda pouco concebível nasce no homem da mesma forma como outrora foram nascendo a chave-razão, a chave-sentimento, a chave-pragmatismo. Que a cada sucessiva derrota há uma aproximação da mutação final, e que o homem não é, mas procura ser, projeta ser, algemado entre palavras e comportamento e alegria salpicada de sangue e outras retóricas como esta.

— eis um pedaço do capítulo
62 de *O jogo da amarelinha*: notas soltas do
escritor Morelli, personagem do romance.

Notas para o livro que Morelli nunca escreveu,
e que Cortázar tentou escrever com *62 modelo para
armar*.

Não sei se foi também esse o livro que tentei
escrever; sei que, sem dúvida, o livro que escrevi
nasceu um pouco desse emaranhado de ideias e
escritores imaginários ou não.

5.

Aí começa.

Começa porque era tudo que eu tinha, enfim: o passado desses personagens, e a dificuldade de cada um para se livrar dele.

Que o futebol e o amor — as paixões, as melhores e piores delas — fossem assim algo de que não podemos nos livrar.

Que es un soplo la vida, que veinte años no es nada, como cantava Gardel num de seus tangos.

Que não fosse possível falar de passado quando a questão era amor ou futebol.

Essas coisas que permanecem suspensas. Eternamente presentes, presente.

Dizem — alguém deve ter dito — que todo escritor é monotemático. De mim sempre um pouco isso: a incapacidade dos seres humanos de se comunicar. Um pouco minhas frustrações: como pode isso?, a gente não conseguir conversar, se entender, nunca?

Então eram esses três: Téo, Elisa, Alexandre. Cada um em seu mundo particular.

Era tudo que eu tinha — e mais nada.



6.

A trama mesmo era uma noção vaga: investigação que envolvia o futebol e trazia de volta uma memória insistente.

Alexandre e a busca pela filha desaparecida, levada pela mãe. Elisa que vinte anos de amizade com Téo e jamais lhe havia dito que tinha um filho.

Quer dizer: era dar a eles uma chance.

— Sabendo, antes de começar, o impossível da tarefa. Que a capacidade de comunicação do ser humano é limitada. *Que ninguém se entende, nunca.*



7.

E assim começar a escrever.

Era dezembro de 2010 e minha vida estava um pouco pelo avesso (como convém).

Tinha acabado de ganhar patrocínio da Petrobras pra escrever OUTRO LIVRO, que estava ali começado, em outro canto do computador.

Comecei a escrever TRÉGUA porque — culpa de Cortázar — não podia fazer outra coisa: entre viagem a Porto Alegre nas férias e voltar a três cargos diferentes no trabalho.

(Vale dizer que o livro se escreveu sozinho? Lembro de chegar em casa às oito da noite e escrever dez páginas. De estar na academia fazendo aula de spinning e os personagens andando pra lá e pra cá, a cena nascendo, o diálogo que eu não precisei inventar; um pouco como se bastasse ligar a televisão da minha cabeça e ver o que estava passando.)

8.

Não, espera: não vou dizer que foi assim tão fácil.

Eu sabia onde a narrativa terminava, mas não tinha muita ideia de como ela chegaria naquele ponto.

Eu conhecia meus personagens, mas eles nem sempre me obedeciam, que é o que acontece quando os personagens nascem sozinhos, inteiros.



Tanto isso que em um momento pensei uma cena entre Téo e Gustavo que serviria de pretexto a um diálogo importante. Quando fui escrever, Téo não quis colaborar. Não saía de trás da mesa.

Como pode isso?, não conseguir tirar um personagem de trás da mesa! Precisar de voltas retóricas e outras estratégias pra chegar ao resultado planejado. Não por esquizofrenia autoral ou falta de controle sobre a própria criação; mais porque os personagens já estavam feitos, completos até mesmo nas contradições.

Algumas coisas não fariam, mesmo quando tão convenientes à estrutura do romance.

Como, por exemplo, sair de trás da mesa.

9.

Também as pesquisas: consultar os amigos professores de espanhol pra construir um portunhol convincente, quando ainda meu próprio espanhol engatinhava.

E a questão histórica: caçar na internet vestígios de um campeonato de segunda divisão do futebol argentino na década de 1980.

Buscar imagens de camisetas, de estádios, de torcida. Relatos. Uma época sofrida, uma final difícil, quase impossível, de quando não se consideravam os gols da “partida de ida” no segundo jogo da decisão: Racing ganhou do Atlanta de 4 a 0 no primeiro jogo da final. E quase perdeu o segundo jogo, por 1 gol.

Quase.

Empatou. Subiu de volta à primeira divisão.

A escrita tem dessas sincronias: que Racing não tenha sido minha primeira opção mas depois constatar que não poderia ter sido outro time:

a história do Racing nos anos 1980 era também a história da adolescência de Téo. Como se já estivesse escrito.

Como sempre parece que já estava escrito desde o princípio o resultado final de uma partida de futebol, quando o juiz apita o fim do jogo.

DE VERAS LO SENTIMOS: ADIÓS, RACING, HASTA PRONTO...

a violencia va en otro lado, empuja a san el descenso". En la redacción me dicen que separe los temas... y ya frente a la máquina me pregunta: ¿se puede? La respuesta impone penas, unhasizos, anáncoras, me cuesta ordenar las imágenes. Hay que probar, aunque cueste.

Avanzo a ver el rostro feroz del pibe Caceres, los brazos crispados de Rizzo, la mirada de Tito Pizzuti clavada sobre ese césped que supo de tantas triunfantes, de emocionantes controversias. También recuerdo los espasmos de los gases terminales, veo el miedo de la gente, de la policía. El avistaje de las arenas nubes palmas, pienso en la tragedia. Hago un recuento y lo digo a Pizzuti. Me duele su figura. Por esos momentos futboleros, por esos años de fútbol y cemento todo lo que ocurre a mi alrededor desaparece. La

memoria se apalpa de mí y me acerca aquel instante de Pizzuti y el Diego Gardesin, en Montevideo, cuando Racing tocó la cumbre de la gloria, cuando en 1967 fue campeón del mundo. El destino le ha hecho a este hombre una muela sinestra: quiso jugar vez que fuera el conductor de la gran flacada, ahora ahora que la historia lo serva como el sacro que comben a Racing al descenso. Claro, Tito, vos no querías estar ahí, como lo vas a querer! Lo siento, Tito, lo siento, todos sentimos este adiós de Racing, todos... ¿Que cambie la luz el destino? ¡Que callo!

El presidente Taddei no tiene consuelo. "Hicieron todo: reabrieron la cancha, pagamos los sueldos al día, ordenamos el club... y nos sacan al fútbol, me sacan". Está desolado. Pide gratia por los hinchas, deslinda responsa-

bilidades. "El comisario me dijo que no pudo contener a sus hombres". Va y viene por el vestuario. Por fin se apoya sobre una pared: está cansado. Marchetti recuerda el gol agónico contra Ferro: "Ese día pensé que nos salvábamos, que Dios se había puesto de nuestra parte". Caceres lucha con sus lágrimas, no quiere rendirse. "Nos salvamos nosotros, los jugadores, no pudimos defender resultados. El jueves con Unión, hoy con Racing de Cordoba. Nos falta experiencia, y que se va, acaso algo más. ¿Qué? Ayuda desde ahora, un cambio para el partido. Sí, contra Unión hasta minutos para terminar... Hace la carrera en Racing, nunca pierde la B, nunca... Yo empujo en la cancha que algún día los a se puen con la primera".



SINTESIS

Tras el descenso de la A, Racing Club se enfrenta a la B. El equipo, dirigido por Miguel Ángel, se enfrenta a la B. El equipo, dirigido por Miguel Ángel, se enfrenta a la B.

RACING SE LIMPIÓ EN EL BARRO



10.

Ou: eu já sabia, sim, o final do livro. A última cena: a trégua final. As muitas outras tréguas que deveriam surgir, ao longo da narrativa. Mesmo sabendo que trégua não significa uma solução.

Você quer uma solução pra vida?

(Quem disse isso?

— provavelmente o personagem de outro romance.)

A vida, Téó; sabe como ela acaba?

Não é tanto por isso que lemos romances.



II.

Inclusive recomendo: escrever sem saber todos os detalhes da história. Sem saber o próximo passo.

Escrever para saber o que vai acontecer.

Sabia, isso sim, todos os detalhes de acontecimentos passados, tudo que fazia dos personagens esses bichos complicados e cheio de manias incoerentes.

O resto estava na (in)capacidade daquela gente de se comunicar e se fazer entender. Dando a eles todas as chances possíveis para que fossem — pelo menos — um pouquinho bem sucedidos nessa empreitada.

E ainda assim não saber se iam ou não conseguir.

12.

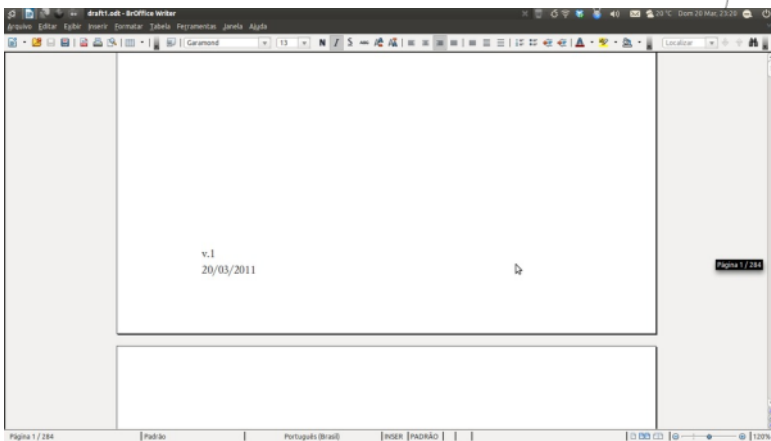
Um parêntese: inevitavelmente me fiz torcedora do Racing. Depois caminhar em qualquer cidade na Argentina e ouvir *aguante la academia!* a todo momento, porque andasse sempre com o boné azul e branco com o escudo do time. O boné comprei em Buenos Aires, em uma lojinha escondida na *calle Lavalle*. O vendedor era do Racing também, e abriu o casaco pesado pra me mostrar a camisa do time, que ele tinha vestida por baixo. Uma brasileira que torce pro Racing! Ele tinha pra vender o boné oficial do time, mas concordou que era mesmo um pouco feio, e foi buscar no depósito a versão “pirata”, mais barata e mais bonita.

Mais coincidências? Já o livro escrito, conheci em Arraial d'Ajuda, na Bahia, um casal de argentinos mui simpático. No papo sobre literatura e futebol (às vezes a gente encontra pelo caminho essas pessoas com interesses tão parecidos com os nossos) descobri que eram também torcedores do Racing e, mais que isso: ele havia sido zagueiro do time, no começo da década de 1980. O Racing me seguia por todo lado.



➔ BONÉZINHO COMPANHEIRO

DOM 20 MAR, 23:20



PÁGINA I / 284

13.

Sejamos realistas: o livro se escreveu sozinho, sim. Pouco menos de três meses e de repente quase 300 páginas de texto. Os personagens levaram a história adiante e a única coisa que fiz foi pular as partes que não tive vontade de escrever. Pular as partes que o leitor provavelmente também pularia.

Dois meses e alguns dias escrevendo e pensando e vivendo o livro.

As pesquisas só fizeram crescer as coincidências, e a vida fez ecoar todas elas nos anos que se seguiram.

Téo e Elisa não me abandonariam nunca.

14.

VOLVER

Carlos Gardel

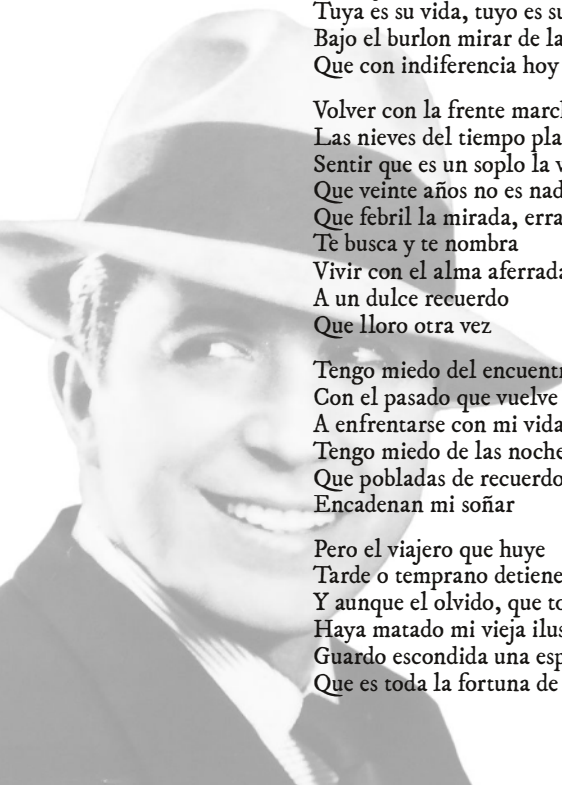
Yo adivino el parpadeo
De las luces que a lo lejos
Van marcando mi retorno
Son las mismas que alumbraron
Con sus palidos reflejos
Hondas horas de dolor

Y aunque no quise el regreso
Siempre se vuelve al primer amor
La vieja calle donde el eco dijo
Tuya es su vida, tuyo es su querer
Bajo el burlon mirar de las estrellas
Que con indiferencia hoy me ven volver

Volver con la frente marchita
Las nieves del tiempo platearon mi sien
Sentir que es un soplo la vida
Que veinte años no es nada
Que febril la mirada, errante en las sombras
Te busca y te nombra
Vivir con el alma aferrada
A un dulce recuerdo
Que lloro otra vez

Tengo miedo del encuentro
Con el pasado que vuelve
A enfrentarse con mi vida
Tengo miedo de las noches
Que pobladas de recuerdos
Encadenan mi soñar

Pero el viajero que huye
Tarde o temprano detiene su andar
Y aunque el olvido, que todo destruye
Haya matado mi vieja ilusion
Guardo escondida una esperanza humilde
Que es toda la fortuna de mi corazón



PRODUZIDO NO INVERNO DE 2018
LENÇÓIS - BA

TEXTO E ILUSTRAÇÕES:

Olivia Maia

OLIVIA@OLIVIAMAIA.NET

OLIVIAMAIA.NET